

Tecnologia em rede como potencializadora de uma condição de leitor-autor em oficinas de inclusão digital

ELISÂNGELA DE FÁTIMA FERNANDES DE MELLO*

Resumo

Uma proposta de inclusão digital pode mudar a condição dos participantes que dela se beneficiam. Nesse estudo buscamos analisar uma experiência de inclusão digital na qual os participantes são crianças do 4º ano do ensino fundamental e cujo objetivo foi verificar como as tecnologias de rede podem potencializar a condição de leitor-autor nas oficinas de Informática e Cidadania do projeto Mutirão pela Inclusão Digital.

Palavras-chave: Inclusão Digital, leitura, autoria.

*  **ELISÂNGELA DE FÁTIMA FERNANDES DE MELLO** é Mestre em Educação (UPF). Atualmente é Assistente de Criação do Mundo da Leitura.

1. Introdução

O termo “contemporâneo”, utilizado até então, parece não dar conta dos inúmeros fatos, manifestações culturais, diferenças sociais, novidades tecnológicas e do modo de viver dos indivíduos deste momento histórico. Os avanços e descobertas, quando anunciados, não ficam restritos a uma comunidade, como antigamente, agora a população mundial tem conhecimento sobre as questões de todo o planeta. O filósofo francês Gilles Lipovetsky denomina a sociedade atual como “hipermoderna”, pois para caracterizar as proporções e dimensões das situações tem se adotado o prefixo hiper (hiperconsumo, hipermidia, etc.). Nesse contexto, percebe-se que ser um incluído digital é condição necessária para os indivíduos.

Na “hipermodernidade” temos duas situações bem claras relacionadas com as tecnologias em rede. Uma é a possibilidade das tecnologias em rede de propiciar aos indivíduos tornarem-se autores no ciberespaço, até então e muito ainda nos dias de hoje, a produção, manipulação e veiculação da informação é realizada por um número reduzido de pessoas que detém o poder. E a outra situação é a de uma população excluída do uso potencial das tecnologias em rede por falta de acesso ou porque não assumem uma postura diferenciada ao utilizarem as tecnologias em rede por estarem habituados com a lógica da recepção de um para todos.

Em meio à infinita quantidade de informação que circula, se observa o potencial das tecnologias em rede para a

quebra dessa lógica e a urgência dos indivíduos serem incluídos digitalmente com uma perspectiva diferenciada quanto à utilização das tecnologias. Para entender o contexto e as relações estabelecidas a partir das tecnologias em rede é imprescindível refletir acerca da cibercultura, contexto social no qual esta pesquisa se desenvolve.

Lévy lembra que até metade do século XX o adulto “transmitia seu saber quase inalterado, a seus filhos e aprendizes” (1996, p.54). Com a cibercultura, esse fator sofreu alteração e o indivíduo tem possibilidade de não apenas receber o conhecimento inalterado, mas de ser, ao mesmo tempo, receptor, utilizador, criador e emissor. E foi nessa perspectiva que o estudo buscou

verificar como as tecnologias em rede, que são potencializadoras na formação de coletivos inteligentes, poderiam contribuir para propiciar uma condição de leitor-

autor em oficinas de inclusão digital.

2. Contexto da pesquisa

As oficinas do Projeto Mutirão pela Inclusão Digital acontecem semanalmente e tem por objetivo: “Implementar ações de Inclusão Digital, que possam iniciar um processo de apropriação das tecnologias de rede por parte das camadas excluídas da sociedade, em uma perspectiva de ambiente comunicacional e de exercício da cidadania.” (TEIXEIRA, 2010, p.39) Para tanto, procura, a partir de um tema gerador anual, aproximar as atividades propostas da vivência dos alunos desafiando-os à participação, à autonomia e à emissão de opiniões.



O público da oficina na qual aconteceu a pesquisa, eram crianças entre 9 e 12 anos que frequentavam o 4º ano do ensino fundamental de uma escola de periferia do município de Passo Fundo. Em função do caráter filantrópico do projeto, o serviço somente é oferecido a pessoas em vulnerabilidade¹, neste caso, social e econômica. As crianças, apesar de terem acesso ao laboratório da escola, chegaram à oficina sem conhecimento de como ligar as máquinas, acessar programas que utilizavam e navegar pela internet. Em face dessa realidade as oficinas buscariam o seu objetivo como projeto, enquanto se realizaria o estudo verificando a postura dessas crianças durante a utilização das tecnologias em rede.

O contato das crianças com a tecnologia só ocorreu na escola durante 1h semanal e na oficina durante 2h30min. As atividades na escola estavam relacionadas especificamente ao conteúdo de sala de aula. As oficinas têm como base a leitura e a literatura, sendo que a metodologia dos encontros consiste em dois momentos com o mesmo tempo de duração. Uma parte direcionada envolvendo uma prática leitora e o segundo momento de navegação livre onde a criança decide suas atividades.

As análises que serão posteriormente apresentadas referem-se a um período de 10 semanas, nas quais as crianças vinham semanalmente até a Universidade de Passo Fundo para participar das oficinas em turno inverso ao período escolar.

¹ Vulnerabilidade é a nomenclatura utilizada pelo Serviço de Assistência Social da Universidade de Passo Fundo quando se refere a condição social e econômica dos participantes.

As oficinas não são aulas de informática, existe um planejamento dos encontros e os monitores do Curso da Ciência da Computação, a partir das propostas semanais auxiliam as crianças em suas dificuldades com a tecnologia. O auxílio é realizado individualmente respeitando as habilidades e limitações de cada um. As crianças têm a liberdade de questionar as atividades propostas, bem como negociá-las com o colaborador.

O planejamento contempla o contato com diferentes gêneros textuais que são disponibilizados utilizando diferentes suportes e linguagens, e também a apropriação do uso das ferramentas, ambientes e recursos online ou que facilitem a publicação das produções das crianças no ciberespaço. Nesse sentido, acredita-se que se esse contato na rede for significativo a criança tem condições de se posicionar diferente no uso das tecnologias. Como lembra Lipovetsky e Charles, “a hipermodernidade não se reduz ao consumismo, ao entretenimento nem ao *zapping* generalizados. Na realidade, ela não aboliu a vontade de superar-se, de criar, de inventar, de procurar, de desafiar as dificuldades de vida e do pensamento”. (2004, p.123).

O interessante seria se os indivíduos se apropriassem de tal forma da tecnologia sendo capazes de ter independência e a autonomia na construção do conhecimento. Situação que não existia com essas crianças, acostumadas a receberem informações de como realizarem tarefas e condicionadas ao uso limitado da rede. Entretanto, para isso acontecer os indivíduos precisariam estarem dispostos a buscarem o que lhes interessava e também colaborar com os demais colaboradores do ciberespaço.

Isso seria o essencial para a criação de coletivos inteligentes.

3. As tecnologias de rede como potencializadoras na formação de coletivos inteligentes

O conceito da inteligência coletiva divulgado por Pierre Lévy está relacionado às tecnologias de rede e, para o autor, é “um dos principais motores da cibercultura” (LÉVY, 1999, p.28). A inteligência coletiva é um dos grandes avanços da sociedade hipermoderna.

Em função de a internet ser um espaço democrático ao permitir as manifestações de qualquer membro desta grande teia, pode-se afirmar que ela é uma enorme rede em plena construção e resultante da produção coletiva, da união dos saberes de indivíduos. E “aqueles que fizeram crescer o ciberespaço são em sua maioria anônimos, amadores dedicados a melhorar constantemente as ferramentas” (LÉVY, 1999, p.126).

Considerando como uma rede é composta, por diferentes “nós”, pode-se afirmar que cada computador conectado é um “nó” dessa rede planetária e o ciberespaço, para estar em constante construção, depende de seus indivíduos, que segundo Silva (2001, p.15), estão “aproximando-se gradativamente desta experiência desde o controle remoto, quando aprendeu a construir sua própria programação em meio à diversidade de emissões; e desde o vídeo game, quando aprendeu a manipular imagens na tela da televisão.” Então, cada “nó”, com suas características e conhecimento, é capaz de colocar em movimento e renovar as informações que ali circulam. A diferença da internet para os outros meios de comunicação está

justamente na opção da participação do indivíduo no ciberespaço.

Para entender como a inteligência pode funcionar basta observar a maneira como os indivíduos se comportam em fóruns temáticos, listas de discussões e criando seus próprios blogs e sites. Nesses espaços, os internautas dialogam sem se preocupar com a questão da autoria, não existe o sentimento de posse da informação, ou da experiência divulgada. Muito pelo contrário. Existe a vontade de colaborar com o outro, de compartilhar algo, são os objetivos e as singularidades dos envolvidos que contribuem para a riqueza da rede, essas ações individuais vão manter os ambientes em funcionamento e atualizados contribuindo para a ampliação e reconfiguração do ciberespaço. É o desafio de compartilhar conhecimento que desencadeia o processo de inteligência coletiva.

O interessante da inteligência coletiva é que os indivíduos se comunicam, se expressam, ou ainda buscam informações quando sentem vontade. Eles não são condicionados a navegarem por locais determinados na rede ou, ficar preso em um único espaço. Quem tem autonomia no uso da internet tem liberdade de locomoção e se manifesta quando deseja, características importantes para um perfil de leitor- autor.

4. O perfil do leitor e do autor e a condição do leitor-autor com as tecnologias em rede

Antes das tecnologias de rede se tinha um perfil de leitor habituado com a leitura linear. Em textos literários seguia uma narrativa que possuía início, meio e fim determinado pelo autor. Havia um caminho bem definido, o autor criava a

obra e o leitor lia. Porém, ser leitor não está ligado a alfabetização, nem a decodificação de textos. Para ser leitor é necessário entender a mensagem emitida pelo o autor e estabelecer novas relações. Lajolo (2009, p.100) caracteriza o perfil de um leitor quando diz que “leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura se desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.”

Nesse sentido, é importante desafiar as crianças a refletirem sobre as obras para que encontrem significado nas leituras que realizam. Afinal, não são os adultos que devem interpretar um texto para uma criança, pois é ela com o conhecimento que possui que irá fazer as suas associações. Petit (2008, p.26) critica a maneira como é esmiuçado os textos “os poderes autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação e contendo a menor possibilidade de “jogo”, deixando ao leitor a mínima liberdade.” Ler envolve interesse e disposição, quando o indivíduo está lendo ele visita emoções e situações vivenciadas, e essa prática ninguém pode realizar pelo indivíduo, só ele mesmo.

Para Kleiman (2005, p.22) a leitura “é uma atividade de interação entre dois atores sociais – autor e leitor –, que por estarem distante podem ter problemas de comunicação”. Esse diálogo do autor com o leitor, geralmente é vertical, pois o leitor recebe a informação, mas a mensagem não poderia ser discutida com o autor. Até então o autor era “reconhecido como detentor de uma propriedade imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio” (CHARTIER, 1999, p.49), ser autor

significava ter autoridade sobre a sua obra, ao leitor cabia a leitura e as interpretações que conseguia realizar. Ele não tinha possibilidades de interferir na obra e nem expressar sua opinião em espaços de grande alcance, como é o caso da internet.

Essa postura de afastamento entre o autor e o leitor já está se modificando, alguns autores, principalmente os mais jovens, estão mantendo sites e blogs que permitem a aproximação do autor com o leitor.

Há também uma perspectiva de que a situação de leitor se modifique, Nuñez (2005, p.149) ressalta que a internet fornece condições de escrever, de criar, de se expressar e que essa possibilidade para uma criança e ou adolescente é muito importante, pois pode despertar o interesse por várias coisas, entre elas ler.

Por isso o leitor da hipermodernidade tem uma diferença em comparação aos leitores de outras épocas. Ele pode ler vários textos, de diferentes autores, assistir a um filme e escutar música sem precisar mudar de recurso o que exigia tempo e iniciativa do leitor. A leitura² que antes estava condicionada à mídia que se encontrava, agora, com a internet tem-se um encurtamento desse acesso as diferentes manifestações culturais através do novo tipo de texto, o digital. Então, necessariamente é importante que o leitor tenha liberdade, pois se estiver condicionado a um lugar a sua leitura ficará limitada.

Na internet a leitura tem condições de ser reticular e hipertextual, o texto, ou a imagem, estão dispostos linearmente,

² Nesse estudo se considera como possibilidades de leitura: ler um livro, escutar uma música, assistir um filme, apreciar um espetáculo.

mas os links do texto rompem com a lógica. Imagens, músicas, vídeos, tags sempre podem levar o leitor a outros caminhos e abre a possibilidade de outras informações sem orientação dos múltiplos autores, sendo responsabilidade do leitor criar seus links a partir do acesso do conteúdo conforme seus interesses. A rede é comparada como uma biblioteca por Chartier: “Com o texto eletrônico a biblioteca se torna universal imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar.” (1999, p.117). Tal dinâmica permite ao leitor criar um novo texto a partir de sua navegação. Esse texto é único, muitas vezes fragmentado, e difícil de ser reconstruído novamente.

Uma característica do leitor-autor é a autonomia de navegação que pode resultar na construção de um texto único, composto de vários fragmentos dos ambientes que ele acessou, inclusive pode ser um texto híbrido, numa dinâmica hipertextual. Esse trânsito do leitor na rede faz com que ele seja co-autor de inúmeros textos, também viabiliza novas formas de leitura e escrita.

Enquanto o indivíduo se desloca no ciberespaço ele cria caminhos jamais imaginados pelos autores, o domínio e o controle presente numa obra fechada desaparecem na rede, pois a cada navegação há a criação de um novo texto individual e exclusivo com sentido para um leitor-autor específico. O resultado é algo novo, com a personalidade do navegador e diferente da lógica do autor.

Considerando que a leitura na rede muitas vezes acontece de forma fragmentada, então o navegador tem uma exigência maior, manter o domínio

de sua navegação para não se afastar do tema de leitura que pretende realizar e ainda elaborar a sua opinião das diferentes leituras que realizou. A maneira como o navegador realiza as suas escolhas criando links demonstra a sua interação e também uma postura ativa neste contexto.

Os participantes, neste caso as crianças, desde o princípio do processo de inclusão estão em contato com as tecnologias em rede ao mesmo tempo em que são desafiadas a assumirem uma atitude ativa de “nó” de rede. Essa dinâmica contempla a leitura e debate de obras; a navegação livre, onde o indivíduo escolhe os caminhos a percorrer; como a participação na construção do ciberespaço no sentido de colaborar com informações e disponibilizá-las na rede.

A comunicação através das tecnologias de rede pode propiciar a autonomia e a formação do leitor-autor, pois não é espaço de expressão de uma camada social privilegiada. É um espaço democrático. Por isso, o indivíduo que está se apropriando do uso da tecnologia não deve ficar à parte dessas práticas sociais, ele precisa ter contato com os diferentes tipos de informações e se sentir chamado a participar no ciberespaço. No momento em que um indivíduo tem autonomia para se locomover e colaborar na rede ele deixa de ser um receptor de informações e assume uma condição de leitor-autor.

5. Desafios da inclusão digital na hipermodernidade

A inclusão digital vai além de oferecer acesso à população. Ter acesso é fundamental, mas é só o ponto de partida de uma caminhada. Estar incluído digitalmente é estar em sintonia com as possibilidades de

interação, manipulação e veiculação da informação no ciberespaço. Para Castells, “o que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é a sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais”. (2006, p.461).

Não se pode pensar a inclusão como oportunidade de acesso ou manipulação das ferramentas somente com um fim específico, como por exemplo, o mercado de trabalho, ações como esta limitariam o indivíduo a utilizar as ferramentas conforme ele aprendeu. Afinal, “uma pessoa condicionada passa de um pensamento para outro porque suas representações, suas emoções e suas ações foram associadas de maneira rígida no decorrer de uma aprendizagem precoce.” (LÉVY, 2001, p.107). Quando se força a trajetória de uma pessoa no ciberespaço, delimita-se também, um centro de interesse, que nem sempre vai condizer com as preferências do indivíduo. Essas atitudes fragmentam o processo de inclusão e não contribuem para a autonomia.

As pessoas, de certa maneira estão acostumadas com o sistema instalado na sociedade, onde a informação é transmitida por outro. Contudo, a inclusão digital precisa desafiar os indivíduos a pesquisarem suas dúvidas, perguntas, os interesses pessoais e coletivos para que essa apropriação da tecnologia tenha sentido. Para Venn, “criamos conhecimento a partir de informações que nós, como indivíduos, consideramos importantes e significativas, o uso de habilidades e o que julgamos importante, isto é, nossos valores, baseia-se em nossa interação com o que nos cerca.” (2009, p.81).

Incluir é se fazer presente com sua identidade, como um ser social. Participar do ciberespaço exige uma postura diferenciada, ao mesmo tempo em que o indivíduo mantém sua identidade cultural ele precisa ser leitor-autor, aquele navegador que realiza suas leituras, mas também expressa suas ideias.

Propostas de inclusão digital devem incentivar o indivíduo a querer ser autor no ciberespaço para que futuramente consiga participar de um coletivo inteligente. Então, as ações para que a apropriação da tecnologia aconteça não podem ser limitantes. Estabelecer um único roteiro de navegação vai contra a lógica das redes, seria como realizar uma leitura linear num labirinto.

A rede propõe a conexão, a interação e a liberdade de escolha. O ciberespaço deve ser visto como um novo espaço do saber, onde os incluídos digitais agem com autonomia, estabelecem relações, se comunicam e trocam informações. A inclusão digital deve proporcionar durante a apropriação das tecnologias que as pessoas sejam bons exploradores do ciberespaço e não meros consumidores, que investiguem novos textos, se apropriem do que faz sentido e reelaborem seus conhecimentos. Inclusão digital pode ser compreendida como um processo

“que deve acontecer a partir do interior dos grupos com vistas ao desenvolvimento de cultura de rede, numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para, a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e

dependência tecnocultural”.
(TEIXEIRA, 2010, p. 36).

Inclusão digital está associada à inclusão social. Quando um indivíduo é incluído digitalmente ele ganha um espaço novo para se comunicar. Ele tem capacidade de sair de seu espaço de espectador, muitas vezes condicionado, no qual suas elaborações são internas, se tornar um produtor de informação. Os desafios das propostas de inclusão digital devem quebrar com a lógica de um para todos, onde todos são condicionados a terem o mesmo conhecimento; mais importante que aprender a utilizar programas disponíveis é garantir que os indivíduos tenham liberdade de utilizar os programas para se expressarem; respeitar a identidade e particularidades dos indivíduos entendendo que os interesses pelas tecnologias são diferentes; valorizar momentos de interações com intuito de fomentar a criação de redes.

Nesse estudo, onde a proposta de inclusão digital busca desafiar os participantes das oficinas a serem leitores-autores no ciberespaço, considera-se leitor-autor os participantes que tenham autonomia de interagir, que estabeleçam seus hipertextos sem estarem condicionados a um ambiente ou pessoa, que encontrem sentido em leituras que realizam, manifestem vontade de participar, se comuniquem e compartilhem suas produções.

6. Oficinas do projeto Mutirão pela Inclusão Digital e o leitor-autor

As oficinas do projeto Mutirão pela Inclusão Digital da Universidade de Passo Fundo que acontecem desde 2004 já beneficiaram mais de 900 pessoas de

diferentes idades. Uma das oficinas oferecidas, entre seis existentes em 2010, é especificamente para crianças em processo de alfabetização e com histórias de vida marcadas por situações de exclusão. Os encontros semanais das oficinas visam a aproximação destes alunos da leitura e da escrita através dos diferentes recursos e mídias disponíveis na internet. Para tanto, procura, a partir de um tema gerador anual, aproximar as propostas da vivência dos alunos desafiando-os à participação, à autonomia e à emissão de opiniões.

As crianças demonstraram nos primeiros encontros da oficina como vinham utilizando condicionadamente as tecnologias em rede. Pois, solicitavam aos monitores e colaboradora indicações de sites e como proceder durante o acesso a internet. As crianças estavam dependentes, necessitavam de orientação para realizar uma atividade e constantemente expressavam que não sabiam o que fazer. O conhecimento do ciberespaço era limitado. Elas, geralmente na escola, faziam pesquisa sobre um determinado tema solicitado pelo professor, mas não tinham conhecimento de que estavam pesquisando as informações num site de busca e em alguns casos eram indicados os sites para acessarem. Os indivíduos trabalham no laboratório da escola nessa perspectiva de buscar informações ou realizarem atividades sobre os conteúdos vistos em sala de aula. Algumas crianças chegaram à oficina com domínio de conduzir o mouse pela tela, entretanto, demoravam para localizar as letras no teclado e todas as crianças não sabiam como ligar e desligar a máquina e desconheciam as infinitas possibilidades da rede.

Nas oficinas, mesmo indicando alguns recursos de comunicação na internet e

desafiando os alunos as utilizarem durante os encontros, se vê a importância de garantir que as crianças possam se apropriar da tecnologia realizando atividades que lhe interessam. Por isso, o tempo da oficina é dividido em dois momentos. A primeira parte da oficina foi nomeada como atividade orientada; acontecem contações de histórias, audição de músicas, exibição de curta-metragem e após uma discussão sobre o que foi visto, momento em que as crianças expõem o que gostaram ou não e contam fatos que vivenciaram e que lembram na hora da leitura. Depois desse momento elas realizam na rede uma atividade relacionada com essa leitura e a outra metade do tempo da oficina é destinado a navegação livre, onde as crianças individualmente decidem suas atividades.

As dificuldades apresentadas pelas crianças, num primeiro momento dentro das oficinas, tanto por não terem conhecimento do que poderiam realizar na rede, como também em função da pouca habilidade de manipular mouse e teclado foram rapidamente superadas. As propostas de atividades deram condições para elas se familiarizarem com as posições das letras no teclado e de como conduzir o mouse pela tela, sem precisar ter uma atividade específica sobre isso.

Quando as crianças entenderam que não precisavam seguir orientações o tempo todo para realizar uma atividade, começaram a buscar sozinhas as informações confirmando as palavras de Marchuschi: “Ao se mover livremente, navegando por uma rede de textos, o leitor procede a um descentramento do autor, fazendo de seus interesses de navegador o fio organizador das escolhas e das ligações”.

(MARCHUSCHI, 2001, p.96). A ideia era que as crianças navegassem em locais que lhe interessava e não os que indicássemos e isso foi alcançado.

Havia uma disposição dos indivíduos para utilizarem as tecnologias e se apropriaram rapidamente das ferramentas. Na verdade, as dificuldades no decorrer das oficinas não estavam ligadas ao uso das tecnologias, pois conforme conheciam os recursos adaptavam o conhecimento para os outros ambientes. As maiores dificuldades foram de leitura, escrita e de comunicação.

As crianças possuíam desenvoltura no manuseio das ferramentas só precisavam ser desafiadas a serem atuantes no ciberespaço e para isso quando estão conhecendo as possibilidades de um ambiente é importante conhecerem maneiras de contribuir e também de se locomover. Por isso, as atividades das oficinas são realizadas sempre com um tema e a partir deste são mostrados recursos para eles interagirem no ciberespaço: e-mail, chat, blog, criação de documentos colaborativos. Ao mesmo tempo em que conhecem uma obra literária, um filme ou uma música. Durante a oficina, as crianças emitem opinião e produzem colaborativamente.

É interessante o comportamento das crianças ao longo do processo, após algumas semanas, apesar das produções e navegações serem decisões individuais, havia a necessidade de conversarem para saberem como o colega iria proceder, existia a troca constante de conhecimentos e de dicas na manipulação da tecnologia. Respeitavam e tinham curiosidade pelo trabalho do outro. A postura deles foi se modificando ao mesmo tempo em que o convívio entre eles ganhou uma

nova proporção, pois o modo de realizarem as atividades foi estipulando a posição e valorização de cada membro no grupo, suas habilidades e conhecimento. As rivalidades existentes na escola desapareciam quando estavam nas oficinas, propiciando que se estabelecesse uma rede colaborativa.

Durante as oficinas do Mutirão pela Inclusão Digital na parte orientada onde acontece o diálogo literário, os colaboradores buscam que esse momento seja o mais espontâneo possível para que as crianças sintam-se dispostas a compartilhar suas leituras. Nesse sentido, observamos o crescimento das crianças de tímidas e com receio de expressar suas opiniões, passaram a contribuir falando sobre suas impressões após conhecerem uma obra, inclusive dizendo o que não gostavam. O fato do leitor após a leitura argumentar uma opinião contrária a do autor demonstra que a criticidade do leitor está se desenvolvendo, pois além de compreender o que foi lido ele tem condições de exprimir suas ideias sem reproduzir mecanicamente as informações lidas. O intuito é que esta dinâmica se prolongue durante o uso da tecnologia assumindo uma condição de leitor-autor.

Acredita-se que a maneira como se apropriaram das ferramentas e interagiram com os colegas, monitores e os recursos foram fundamentais para adquirem competências, conhecimentos e se posicionarem no ciberespaço como argumenta Lévy “em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio de nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber”. (2003, p.27).

Quando um sujeito não tem espaço para falar de suas dificuldades ou habilidades e consegue fazer isso na rede ele se sente participante, deixa de ser um consumidor de informações e passa a ser um autor. Com os beneficiários³ das oficinas o ciberespaço pode ser o único espaço de expressão, como as atividades propostas não visam avaliar o certo e o errado das produções dos alunos aceitando qualquer forma de manifestação, então tudo o que realizavam era porque tinham vontade é não porque eram avaliados. Os indivíduos queriam estar e se comunicar na rede. Isso foi percebido pela dedicação com que postam no blog e escreviam seus e-mails.

No laboratório de informática, aonde acontecem as oficinas do Mutirão pela inclusão digital era permitido trocar informações, pois era um espaço para compartilharem descobertas. Então, além de partilharem suas ideias, contarem novidades, as crianças demonstravam entusiasmo ao descobrirem informações referente a seus interesses e vibravam ao conseguirem aprender algo novo na rede.

A dinâmica das oficinas as fez compreender que podiam procurar o que lhes interessava, com isso ganharam autonomia para escolher como navegar e quais informações queriam buscar. Na ocasião perceberam que os monitores e professores não precisavam dizer o que eles deveriam pesquisar, isso dependia da vontade pessoal e a partir disso começaram a se posicionar como leitor-autor, pois tinham autonomia para

³ Beneficiário é uma nomenclatura utilizada pelo Serviço de Assistência Social da Universidade de Passo Fundo para nomear os indivíduos das oficinas.

interagir, decidam suas leituras e espaços para acessar na rede, buscavam informações que tinham sentido para elas, participavam e opinavam sobre o que conheciam durante a oficina, se comunicavam, tinham vontade em compartilhar suas informações e colaborar com o colega criando coletivamente.

7. Considerações

As tecnologias de rede contribuíram para a mudança de comportamento dos indivíduos que pertencem a sociedade hipermoderna e sofrem consequências dessa realidade por estarem vivenciando condições econômicas e sociais desfavoráveis. Além disso, são excluídos digitais, que apesar de saberem da existência das tecnologias em rede não tinham perspectivas em utilizá-las como ambiente comunicacional, ficando novamente a margem da comunicação e condicionado ao conhecimento e decisões de outras pessoas.

Na cibercultura a riqueza não está nos iguais e, sim, no diferente, então as características e o conhecimento individual são fundamentais para termos um ciberespaço, ainda mais, diverso. É necessário que as pessoas sintam-se responsáveis por suas ações, reflitam sobre o que é veiculado nas mídias, não sejam passivas diante das informações, respeitem o interesse dos outros e contribuam na formação do ciberespaço. digital e hipertextual pode acontecer do indivíduo criar um texto jamais pensado pelo autor, então ele passa ser co-autor da obra. E mais, como o ciberespaço é um lugar aberto, não existe uma restrição para autores e todos podem disponibilizar na rede as suas criações.

Por isso, as propostas de inclusão digital, mais do que fornecerem acesso a tecnologia precisam desenvolver ações que desafiem os participantes e contribuam na formação do leitor-autor. Foi essa dinâmica que se buscou nessas oficinas que foram analisadas e se concluiu que apesar da idade das crianças e de não estarem alfabetizadas elas se apropriam das tecnologias em rede com facilidade e assumiram uma condição de leitor-autor com as possibilidades e limitações que tinham no momento. Esse foi o primeiro passo, considerado essencial, pois ao se apropriarem das tecnologias em rede, as crianças experienciaram e entenderam a dinâmica do ciberespaço e começaram a criar colaborativamente, elemento importante para a formação de coletivos inteligentes.

Referências

- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- KLEIMAN, A.B. "Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor – teorias de leitura e ensino", In.: RÖSING, T.M.K.; BECKER, P; KLEIMAN, A.B. (Coord.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In.: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T.M.K.; SILVA, E.T.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009
- LÉVY, P. (1999) *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Ed.34, 2001.
- _____. *O que é virtual*. São Paulo: ED.34, 1996.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, J. M. (org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. POA: Sulina/Edipuc RS, 2001.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Bacarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, G. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. Linguagem

& Ensino, Vol. 4, No. 1. (79-111). Disponível em:

<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v4n1/f_mar_cuschi.pdf>. Acesso em 18 de novembro de 2009.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

TEIXEIRA, A. C. *Inclusão digital: novas perspectivas para a informática educativa*. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2010.

VEEN, W.; VRAKKING, B. *Homo zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: ARTMED, 2009.